

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
O DIA MAIS CURTO – EM COLABORAÇÃO COM A AGÊNCIA DA CURTA METRAGEM
21 de dezembro de 2024

FRANCISCO PERDIDO / 2024

Um filme de FREDERICO MESQUITA

Realização e argumento: Frederico Mesquita / Direção de fotografia: Ana Mariz / Montagem: Diogo Vale, Frederico Mesquita / Direção de arte e Guarda-roupa: Catarina Campos, Margarida Paias / Desenho de som: Inês Adriana / Música original: Diogo Vale / Interpretação: João Bica (Francisco), Manuel Nascimento (Tiago), Rosa Rebelo (Rita), Rodrigo Perdigão (Rufia), Francisca Silva (Rufia), Rubinho (Bandido), Francisco Oliveira (Jogador da Bola), João Pedro Oliveira (Jogador da Bola), Maria Adelaide Santos (Auxiliar da Escola), Adelino Afonso (Sr. do Café), Nuno Franca (Polícia), Diogo Rosário (Polícia), João Vicente (Voz Anúncio Nokia).

Produção: SEARA FILMES e C.R.I.M. PRODUÇÕES (Portugal, 2024) / Produtor: Frederico Mesquita, Isabel Machado / Direção de produção: Gonçalo Pina / Assistente de realização: André Silva Santos / Cópia: DCP, cor, falado em português, legendado em inglês / Duração: 17 minutos / Estreia: 17 de julho de 2024, Curtas Vila do Conde / Primeira apresentação na Cinemateca.

PERCEBES / 2024

Um filme de ALEXANDRA RAMIRES e LAURA GONÇALVES

Realização: Alexandra Ramires, Laura Gonçalves / Argumento: Alexandra Ramires, Laura Gonçalves, Regina Guimarães / Animação: Leonor Pacheco, Inês Teixeira, Joana Teixeira, Laura Equi, Carolina Bonzinho, Alexandra Ramires, Laura Gonçalves / Pintura: Aspasia Kazeli, Beatriz Ferreira, Chloé Mollard, Cris Taveira, Filipa Afonseca, Matilde Feitor, Patrícia Guimarães, Pilar Lupión, Rita Terra, Sara Pinto, Serge Huguenin, Alexandra Ramires, Laura Gonçalves / Música: Nicolas Tricot / Desenho de som: Bernardo Bento / Misturas: Vasco Carvalho.

Produção: BAP – ANIMATION STUDIOS, em coprodução com IKKI FILMS (Portugal, França, 2024) / Produtores: David Doutel, Vasco Sá / Coprodutores: Edwina Liard, Nidia Santiago / Cópia: DCP, cor, falado em português, legendado em inglês / Duração: 12 minutos / Estreia: junho de 2024, Animaifest Zagreb / Estreia nacional: 15 de julho de 2024, Curtas Vila do Conde / Primeira apresentação na Cinemateca.

MAU POR UM MOMENTO / 2024

Um filme de DANIEL SOARES

Realização e argumento: Daniel Soares / Direção de fotografia: Vasco Viana / Montagem: Lucas Moesch, Daniel Soares / Direção de arte: Nádia Santos Henriques / Música original: Meara O'Reilly / Som: Bruno Garcez / Desenho de som: Inês Adriana / Efeitos visuais: Pedro Prata / Interpretação: João Villas Boas (Adriano), Ana Vilaça (Sara), Isac Graça (Eduardo), Cláudia Jardim (vendedora imobiliária), João Patrício.

Produção: O SOM E A FÚRIA e KID WITH A BIKE (Portugal, 2024) / Produtores: Luis Urbano, Sandro Aguilar, Daniel Soares / Cópia: DCP, cor, falada em português, legendada em inglês / Duração: 15 minutos / Estreia: maio de 2024, Festival de Cannes (Competição oficial de curtas-metragens) / Estreia nacional: 17 de julho de 2024, Curtas Vila do Conde / Primeira apresentação na Cinemateca.

OS CAÇADORES / 2024

Um filme de DAVID PINHEIRO VICENTE

Realização e argumento: David Pinheiro Vicente / Direção de fotografia: João Ribeiro / Montagem: Pedro Filipe Marques / Direção de arte: Artur Pinheiro / Guarda-roupa: Lucha d'Orey / Maquilhagem: Rita de Castro / Som: Miguel Coelho / Montagem de som: Olivier Voisin / Misturas: Matthieu Fraticelli / Interpretação: Miguel Amorim, Rodrigo Barradas, Joana Belchior, Marina Mello Breyner, Lara Beirão da Veiga, Luca Contzen Urbano de Sousa, André Gago, Carla Galvão, Luís Lobão, Vera Moura, Hugo Nabais, Rita Poças, Vicente Simões, Miriam Tavares, Santiago Tavares, Vasco Trindade, Ana Vilaça.

Produção: O SOM E A FÚRIA e LA BELLE AFFAIRRE PRODUCTIONS (Portugal, França, 2024) / Produtores: Luis Urbano, Sandro Aguilar, Jérôme Blesson / Cópia: DCP, cor, falada em português, legendada em inglês / Duração: 30 minutos / Estreia: 16 de julho, Curtas Vila do Conde / Primeira apresentação na Cinemateca.

A sessão contará com a presença de Nuno Rodrigues (Agência da Curta Metragem), do realizador Frederico Mesquita, do produtor Luís Urbano e membros das equipas.

Em mais uma edição d'O Dia Mais Curto, em que, um pouco por todo o país, se exhibe cinema de curta-metragem, naquele que é o dia do solstício de Inverno, a Cinemateca (em colaboração com a Agência da Curta Metragem) apresenta uma sessão de curtas portuguesas que contrariam os dias escuros e frios de dezembro, propondo um trajeto veranil entre a praia e o campo.

*

Embora isso nunca seja enunciado, é bastante evidente que **Francisco Perdido** se baseia numa “história real”. Tudo o que ali se vê surge revestido por uma camada de reconhecimento – um reconhecimento vivencial e, no que me diz respeito, também geracional. O Europeu de Futebol de 2004 instalou-se nas memórias coletivas do país. A experiência desse desaire funcionou como uma lição nacional sobre o desapego, mais ainda quando foi vivida no corpo de um pré-adolescente (com todas as suas angústias e perplexidades), como era Frederico Mesquita – aliás, a aliteração entre Francisco e Frederico não é, naturalmente, casuística. O que o realizador faz, nesta sua segunda curta-metragem após a Escola de Cinema (a segunda como realizador, dado que Mesquita se tem dedicado à produção), é fundir um “macro evento” da história recente do país, com outros dois “micro eventos” da vida de um adolescente.

Que “micro eventos” (vividos como macro) são esses? A desilusão romântica e a frustração da ascensão social (fetichizada nos bens de consumo). Dito doutro modo, no tempo diegético de uma meia dúzia de horas, o Francisco do título perde o novo telemóvel topo de gama (o Nokia 3300, o primeiro com leitor de MP3, roubado por uns “gatunos”), perde a adorada Rita (para os braços do melhor amigo) e perde (perdemos todos) o campeonato Europeu de futebol (para ser exato, a ação decorre no dia do primeiro jogo – perdido – com a Grécia, ainda na primeira fase do campeonato). Sendo que entre a decepção mercantil, a decepção do orgulho nacional e a decepção amorosa, Francisco hesita sobre qual das derrotas lhe custa mais – descobrindo, de forma surpreendente, que a experiência do desapontamento se pode converter (pelo excesso) numa espécie de paródia do desânimo. A conspiração dos males parece que se anula (menos com menos dá mais) e o riso escarninho – promovido pelo prazer climático do vernáculo – sobrepõe-se a tudo. Depois de se perder tudo é certo que já não se poderá perder mais nada. Sobra o riso e o calor do Verão.

*

Com o mesmo espírito estival mergulhamos nas águas atlânticas em busca desse crustáceo tão estranho como apetitoso, o percebe. Depois de **Água Mole** (2017), Alexandra Ramires e Laura Gonçalves voltam a corealizar um documentário animado [sendo que entre 2017 e 2024 cada uma realizou filmes em nome individual, Alexandra Ramires assinou **Elo** (2020) e Laura Gonçalves fez o seu **O Homem do Lixo** (2022)]. O “método” é o mesmo, um trabalho de recolha sonora que precede e inspira todo o trabalho de desenho de personagens, construção de situações e da própria animação. Se o “método” é semelhante, a circunstância geográfica e socioeconómica é diametralmente oposta.

Onde **Água Mole** partia de recolhas feitas junto de habitantes pequenas povoações de Trás-os-Montes e Alto Douro (onde o elemento da água e a metáfora da barragem refletiam o apagamento e a desertificação do interior do país), agora **Percebes** vira-se para o litoral algarvio e encontra no percebe (conhecido pelo seu aspeto rude e pela força com que se agarra às rochas), uma metáfora da resiliência à pressão turística e à descaraterização do território. O achado de ambos os filmes está, exatamente, na forma como se transforma o material de origem testemunhal num objecto que ondeia (a água como elemento comum: de rio, de mar) entre personagens ao som da música tradicional, numa cadência contagiante, e, simultaneamente, é capaz de tomar à letra as palavras dos entrevistados em divertidos *gags* visuais que se fazem sempre na inteligência da literalidade visual que antecipa as expressões populares. Mas aquilo que emociona, em **Percebes**, é que essa “revelação metafórica” só se evidencia no final do filme – até aí o lado lúdico e pitoresco do traço havia-nos inebriado. Quando, de súbito, se revela o percebe como símbolo de resistência do povo algarvio não pude deixar de verter uma lágrima, tímida, salgada e – certamente – com sabor a mar.

*

O filme seguinte da sessão é **Mau por um Momento**. Depois de um percurso pelo cinema documental (mais ou menos) publicitário nos Estado Unidos da América, Daniel Soares estreou-se na ficção com **O Que Resta** (2021), contrariando o ritmo acelerado desses primeiros “trabalhos” com um silêncio e uma lentidão surpreendentes. Um homem e o seu carneiro embarcavam num *road movie* que reinterpretava a paisagem da Guarda à luz de um Texas pedregoso, numa fábula contra a inevitabilidade das coisas, contra o esquecimento e a desistência [que prolongava, de certo modo, o anterior trabalho de maior fôlego do realizador, **Forgotten** (2018)]. Depois desse “recomeço”, Soares assinou um pequeníssimo filme – **Please Make it Work** (2022) – realizado no âmbito de um *workshop* no festival de Locarno, onde o olhar distanciado, o plano sequência e o trabalho do som eram elevados ao limite do minimalismo dramaturgico. Agora, com **Mau por um Momento** (o filme tem circulado, mesmo em Portugal, com o título internacional **Bad for a moment**), confirma-se uma certa forma de trabalhar as personagens que se encontram num impasse (em **O Que Resta** esse impasse era temporal, em **Please** esse impasse era socioeconómico, agora, esse impasse é moral – como se anuncia, desde logo, no título).

Neste mais recente filme esse impasse consiste naquilo a que a psicanálise denominou como ressentimento de classe, “Sigmund Freud descreveu esse estranho sofrimento daqueles que são arruinados pelo sucesso, ou seja, essa imperiosa força destruidora que se abate sobre aquele que alcança um êxito que ele mesmo não consegue reconhecer ou justificar como autêntico ou merecido. É assim que ele facilmente se cria situações, inconscientemente determinadas, para que a culpa por ter triunfado seja expiada por meio de autopunições.” (Christian Ingo Lenz Dunker). Isto é, o arquiteto interpretado por João Vilas Boas procura resolver a culpa do seu envolvimento no mundo da especulação imobiliária através de uma compensação simbólica (e altamente paradoxal e irónica): devolver a bicicleta ao gandulo que lhe partiu os vidros do Tesla. Daniela Soares encena esta paródia a partir das próprias contradições sociais que estão no âmago das desigualdades (os ricos que pagam para destruir automóveis à marretada; os pobres que se divertem a fazer o mesmo e, como tal, tornam-se criminosos), compondo uma pequena fábula onde a angústia do privilégio de classe desemboca no absurdo.

*

A sessão encerra com **Os Caçadores**, a mais recente curta-metragem de David Pinheiro Vicente, uma média que anuncia já o salto para o formato longo. Da sua geração, Pinheiro Vicente é,

possivelmente, o jovem cineasta cujo trabalho apresenta uma maior coerência estética e uma circunspecta coleção de obsessões. Diante deste mais recente filme é impossível não recordar os dois filmes de escola do realizador (**Simão** e **Onde o Verão vai (Episódios de Juventude)**) e o primeiro filme fora da escola (**Cordeiro de Deus**). **Simão** era um exercício de observação que se situava algures entre a peça artística de Douglas Gordon, **Zidane: A 21st Century Portrait** (2006), e o filme de João Pedro Rodrigues, encomendado para Guimarães Capital Europeia da Cultura, **O Corpo de Afonso** (2012). Ou seja, um filme onde se propõe um olhar quase concetual sobre a prática do desporto enquanto arte *performativa* e coreográfica e, sem contradição, encontra nesse mesmo olhar o fascínio do desejo, filmando os corpos dos atletas como estátuas vivas (segundo a tipologia da escultura helénica de torsos amputados, fragmentados e sem rosto). Há, nesse sentido, uma dimensão de colagem fetichista, um trabalho de composição sobre o corpo ideal e inatingível feito a partir de uma série de corpos de jovens tenistas. Estava já ali, portanto, a semente desse achado que é o rapaz nu que atravessa toda a ação de **Os Caçadores** – figura profundamente desconcertante que vem destabilizar não tanto aquele mundo, mas o nosso olhar sobre ele.

Por sua vez, em **Onde o Verão vai** e em **O Cordeiro de Deus** o realizador prescindia de um certo minimalismo visual dessa primeiríssima curta, e integrava na ação uma série de elementos de forte simbolismo (religioso; em **Onde o Verão vai** surgem várias referências ao Éden, à sua serpente e à sua maçã/pêssego, e em **Cordeiro** a questão do sacrifício dos inocentes impõe-se logo no título). **Os Caçadores** (que se poderia igualmente intitular “Cordeiro de Deus”) transforma o universo religioso em sátira social. Para isso organiza um filme de época “algures nos anos 1970” (propositadamente ambíguo, para que não se perceba se estamos nos dias antes ou depois da Revolução de Abril), construindo um ambiente burguês altamente codificado que é, em grande medida, devedor de **O Passado e o Presente** (1972), de Manoel de Oliveira, numa estranha fusão com **Teorema** (1968), de Pier Paolo Pasolini – as referências a Oliveira prolongam-se a **A Caça** (sendo que este parece ser a antítese classista desse) e a **Francisca**. Como no filme de Pasolini, é através da introdução do belo que todo o tecido social se começa a desagregar. Só que em vez de milagres, há já só crueldade. **Os Caçadores** vem confirmar um autor. David Pinheiro Vicente filma entre a delicadeza e a sujidade, ou seja, entre as sensações assombrosas e o cheiro a sangue (e a mijo).

Ricardo Vieira Lisboa